

CADERNO TÉCNICO & CIENTÍFICO

**Nº 72
JAN/FEV
2010**

**VOLUME
61**

OS MITOS NA ACESSIBILIDADE WEB Sete mitos e um equívoco

Páginas 2,3 E 4

NASCER DEFICIENTE OU SER DIFERENTE

Página 5

Gagueira pode prejudicar busca por emprego ou causar problemas em ambiente de trabalho

Páginas 6 e 7

OS MITOS NA ACESSIBILIDADE WEB

Sete mitos e um equívoco

*por Lêda Lucia Spelta



No meu trabalho com acessibilidade web, tenho me deparado com mitos que, por não terem suas verdades decifradas, são reproduzidos e compreendidos no seu sentido literal, o que tem prejudicado bastante o nosso progresso. Eles não aparecem como narrativas de histórias, mas como afirmações pseudocientíficas, que confundem a mente daqueles que ainda não adquiriram um profundo conhecimento do assunto.

Após sete anos de convivência com esses mitos, creio que chegou a hora de sistematizá-los e compartilhá-los com todos aqueles que se interessam pelo tema.

Cada mito apresentado será, primeiramente, confrontado com a realidade objetiva, que é, como veremos, muito diferente do que o mito afirma. Em seguida, tentarei explicitar o que entendo ser a verdade oculta encerrada no mito. Neste caso, como a verdade é sempre um temor, será chamada de “temor oculto”. Finalmente, tentarei oferecer uma resposta a esse temor, que será chamada de “esclarecimento”.

O QUE É UM MITO?

Os mitos são narrativas (este é o sentido da palavra original grega), que são reproduzidas (imitadas) até se tornarem coletivas.

Aristóteles, em sua Poética, nos diz que “O imitar é congênito no homem... e os homens se comprazem no imitado.” Os mitos não se baseiam na experiência empírica nem científica, baseiam-se na intuição. E aí está a sua força, pois a intuição encerra sempre uma verdade. Porém a verdade do mito não está aparente, precisa ser decifrada.

Quando, por exemplo, digo que determinada mulher é uma Atena, não quero dizer (como no mito da deusa) que ela não foi gerada no ventre de sua mãe,

mas dentro da cabeça de seu pai, de onde saiu prontinha, com armadura e tudo! Estou querendo dizer que ela é uma mulher guerreira, racional e bastante identificada com o modo de pensar masculino.

A verdade de um mito, portanto, não é literal, é simbólica. É por este motivo que muitos o confundem com mentira, ilusão, lenda e fantasia. Eles são exatamente isto, se forem considerados no seu sentido literal.

OS MITOS NA ATUALIDADE

Uma característica dos mitos modernos é que, ao contrário dos mitos gregos ou indígenas, eles não se referem à totalidade da existência humana, mas a temas específicos, como a sensualidade, a juventude, o corpo saudável, o poder, etc. E, como sua base inconsciente não está na razão e sim na emoção, eles são largamente utilizados na propaganda e na política.

MITO I.

“Acessibilidade Web é só para deficientes visuais.”

Realidade: Pessoas cegas ou com baixa visão são terrivelmente prejudicadas pela falta de acessibilidade, pois, na maioria das vezes, elas não têm outra forma de obter a informação, a não ser através da internet. Mas não são elas as únicas que necessitam de acessibilidade.

Acessibilidade web é para...

... Quem tem dificuldade para ver a tela,
usar o mouse,
usar o teclado,
ler um texto,
Ouvir um som,

ACESSE NOSSO SITE:

www.revistareacao.com

navegar na internet;
 ... Quem usa um navegador diferente;
 ... Quem usa um equipamento muito antigo;
 ... Quem usa um equipamento muito moderno;
 ... Quem tem uma linha de transmissão muito lenta;
 ... Quem está num ambiente ou situação que limita alguns dos seus sentidos ou movimentos, ou que requer a sua atenção.

Enfim, acessibilidade web é para todos!

Temor oculto: “Imagina o trabalho que vai dar, fazer acessibilidade para todo mundo!”

Esclarecimento: Quando seguimos uma diretriz de acessibilidade, estamos atendendo simultaneamente a vários tipos de necessidades. Por exemplo, atender a três tipos de deficiências não significa trabalho triplicado.

Note-se que este mito está tão profundamente arraigado em nossa cultura, a ponto de aparecer expressamente no Decreto 5296, o qual estabelece, em seu Artigo 47, que “No prazo de até doze meses a contar da data de publicação deste Decreto, será obrigatória a acessibilidade nos portais e sítios eletrônicos da administração pública na rede mundial de computadores (internet), para o uso das pessoas portadoras de deficiência visual, garantindo-lhes o pleno acesso às informações disponíveis.”

MITO II

“Na prática, o número de usuários beneficiados com a acessibilidade é relativamente muito pequeno.”

Realidade: A maioria das pessoas que conhecemos não tem nenhuma deficiência e nunca esteve em nenhuma das situações especiais descritas acima. Mas isso não quer dizer rigorosamente nada a respeito da quantidade dessas pessoas e situações. Por exemplo, quantos tailandeses você conhece que usam a internet? Será

que você poderia concluir, então, que são muito poucos os tailandeses que usam a internet? Nossa visão da realidade é sempre distorcida, pois tendemos a nos aproximar e conhecer somente aquilo que nos é semelhante.

Temor oculto: “Esse negócio de acessibilidade é muito investimento para pouco retorno.”

Esclarecimento: Quando tornamos o nosso site acessível, além de atingirmos os usuários da internet que não nos podiam acessar devido às barreiras encontradas, também estamos criando condições para que novas pessoas se animem a usar a internet; ou seja, estamos ampliando o nosso mercado. Além disso, estamos aumentando a visibilidade do site para os buscadores web, pois, assim como as pessoas cegas, eles também só conseguem ler o que está em texto.

MITO III

“Fazer um site acessível demora e custa caro.”

Realidade: Geralmente, afirmações como esta são proferidas sem nenhuma avaliação prévia. Contudo, só podemos saber se o tempo e o custo do nosso projeto são adequados, se levarmos em conta os benefícios alcançados.

Temor oculto: “Não estarei empregando mal os recursos que tenho, ao fazer acessibilidade? Não vou ficar no prejuízo?”

Esclarecimento: Quebrar todas as escadas de um prédio para colocar rampas e todos os banheiros para torná-los acessíveis vai demandar um tempo e um custo adicionais; mas vai permitir o acesso por muito mais pessoas. Porém, se o prédio for projetado com rampas e banheiros acessíveis, o custo e o tempo de construção não serão maiores por isso. O mesmo acontece com os sites. Algumas adaptações são trabalhosas, mas o resultado vale a pena; e quando se trata de um novo projeto, o custo adicional geralmente não existe.

MITO IV

“É melhor fazer uma página especial para os deficientes visuais.”

Realidade: Isto é melhor para quem? Os webdesigners terão trabalho dobrado, para criação e manutenção de duas páginas. Os deficientes visuais ficarão prejudicados, pois o que invariavelmente acaba acontecendo é que a página deles fica desatualizada. Sem falar naquelas páginas especiais, que já são projetadas com menos funcionalidades do que a das “pessoas normais”. Além disso, o site continuará inacessível para todos os outros tipos de deficiências, necessidades ou situações especiais.

Temor oculto: “A gente não vai conseguir fazer uma página acessível, que seja tão bonita e funcional como a nossa.”

Esclarecimento: A partir de 1998, com a promulgação da Section 508 (lei americana de acessibilidade), as grandes empresas de software começaram a investir em acessibilidade. Atualmente, os recursos de acessibilidade disponíveis já nos permitem criar sites bonitos, funcionais e acessíveis. Obviamente, para se obter um bom resultado, a técnica de acessibilidade, como qualquer outra, precisa ser aprendida.

MITO V

“Um site acessível a deficientes visuais não é bonito.”

Realidade: Pessoas cegas não têm condições de usufruir da maioria dos atributos visuais de um site. Porém, os elementos que tornam um site esteticamente bonito não atrapalham as pessoas cegas, se forem criados dentro dos padrões de codificação, das diretrizes de acessibilidade e se a página tiver uma boa arquitetura de informação.

Temor oculto: “Só sei fazer sites bonitos usando tecnologias inacessíveis; de fato, não sei exatamente quais são os elementos visuais que atrapalham a acessibilidade. Por isso, quando tenho que fazer um site acessível,

LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)

faço sempre o arroz com feijão.”

Esclarecimento: Sites acessíveis a deficientes visuais podem ter imagens, fotos, vídeos, gráficos, etc, etc... Basta observar os padrões de codificação e as diretrizes de acessibilidade; e nenhuma delas proíbe essas coisas. Os testes com usuários, além de fazerem parte das boas práticas de um projeto, sempre ajudam a desmistificar essa questão.

MITO VI

“Vamos por partes: primeiro fazemos o site, depois fazemos acessibilidade.”

Realidade: Não dá para fazer tudo ao mesmo tempo, precisamos priorizar. Porém, inaugurar o prédio com escadas e depois quebrar tudo para colocar rampas não é priorização, é desperdício de tempo e recursos. E é exatamente isto que acontece com um site, quando deixamos a acessibilidade para depois. Vamos ter que refazer muita coisa que já poderia ter sido feita com acessibilidade, sem custo adicional.

Temor oculto: “Não vamos conseguir fazer um site acessível, com o tempo, os recursos e a equipe que temos.”

Esclarecimento: Como acontece com qualquer tecnologia, geralmente o primeiro projeto acessível demanda um tempo e um custo maior, porque precisamos de capacitar a equipe. Mas isto acontece apenas no primeiro projeto, além de ser um bom investimento em termos de ampliação do público alvo.

MITO VII

“A gente sabe o que é bom para o usuário.”

Realidade: A gente aprende muito sobre o usuário com a experiência. Mas a gente só aprende tudo sobre o usuário, se a gente fôr o próprio usuário; ainda assim, agente vai ser apenas um dos vários tipos de usuários possíveis, deixando de fora todos os outros grupos.

Temor oculto: “Não quero expor meu projeto às críticas do usuário.”

Esclarecimento: Quanto mais cedo os usuários puderem dar seus “palpites” no projeto, menos alterações ele precisará depois e mais robusto ele será. Não tenha medo!

UM GRANDE EQUÍVOCO

Existe uma oitava assertiva, que não é exatamente um mito, nem se refere apenas à acessibilidade. Trata-se de uma convicção equivocada, proveniente da falta de conhecimento da repercussão da web, do seu impacto na vida das pessoas e na forma como a informação é veiculada nos dias de hoje. Apesar de não ser um mito, podemos detectá-la como um pensamento subjacente em quase todos os mitos descritos anteriormente. A assertiva é a seguinte:

“Meu site é direcionado a um público específico; ele não interessa a todos os grupos de usuários.”

Para entendermos onde está o equívoco, precisamos analisar primeiro o que é “público específico” e o que são “grupos de usuários”.

Normalmente, quando falamos que o nosso site se Dirige a um público específico, estamos nos referindo ao conteúdo do site e estamos querendo dizer que tal conteúdo só tem interesse para uma determinada parcela do público em geral. Sabemos, por exemplo, que o público alvo de um site de notícias, ou de um serviço público, é muito diferente do público alvo de um site de tricot, ou de paleontologia. Contudo, isto é muito diferente do conceito de grupos de usuários, utilizado em acessibilidade e em usabilidade. Neste caso, estes grupos não se referem ao conteúdo da informação, mas às características de funcionalidade dos usuários. Muitas destas características foram descritas anteriormente, na análise do Mito I.

O equívoco acontece, quando associamos grupos de interesses a grupos de funcionalidades. A experiência nos mostra que esta associação é muito mais tênue do que parece. Vejamos

alguns exemplos:

Um homem com baixa visão que entra no site de um fabricante de automóveis, para escolher um modelo para a sua mãe.

Uma jovem surda que entra numa loja virtual de CDs, para escolher um presente para o seu namorado.

Um menino de 11 anos que entra num site direcionado à terceira idade, para pegar uma informação para a sua avó.

Uma estudante cega que entra numa livraria virtual, para comprar livros que serão escaniados por ela própria e lidos com o seu programa leitor de telas.

Portanto, quando restringimos o acesso do nosso site ao que julgamos serem as características do seu público alvo, estamos, na prática, usando a internet para limitar o nosso público, ao invés de ampliá-lo.



Lêda Lucia Spelta

Psicóloga formada pelo Instituto de Psicologia da UFRJ em 1977. Uma das primeiras pessoas cegas a trabalhar com informática no Rio de Janeiro, em 1974, foi programadora, analista de sistemas, analista de suporte e coordenadora de equipe, em diversas empresas públicas e privadas. Como membro da Comissão Brasileira do Braille, coordenou a elaboração da Grafia Braille para a Informática, unificada para a língua portuguesa. Participa da Comissão de Estudos CE-04/CB-40/ABNT, que elabora proposta de normas técnicas sobre “Acessibilidade para a Inclusão Digital”. É membro do Comitê de Ajudas Técnicas. Trabalha com acessibilidade desde 2001, como moderadora de lista de discussão, instrutora, consultora, autora de artigos e palestrante. Seus principais focos em acessibilidade são a sensibilização e a motivação de empresários e webdesigners, a avaliação de sites, o treinamento e a normatização.

Fonte:
www.acesodigital.net

ACESSE NOSSO SITE:

www.revistareacao.com

NASCER DEFICIENTE OU SER DIFERENTE

*por Ana Cristina Ferreira Côrtes

Passados uma década do novo milênio ainda procuramos debater na ciência o que a história sempre contou... demonstrar a realidade da humanidade com suas deficiências naturais ao encontro dos “diferentes” e sua atração com os “iguais” em se repelir... palavras muitas vezes comentada no dia-a-dia das pessoas em todo mundo, sobre a relação humana no sentido restrito e popular do “Ser Humano”.

Recordo que há pouco tempo atrás (janeiro 2010) em minha casa, sentada, ouvindo às notícias, onde um grupo de pesquisadores da Universidade da PUC/RS (Pontifícia Universidade Católica) estaria realizando pesquisas sobre “Como o temperamento influencia / e ou é influenciado pelos transtornos”.

Os indicativos veiculados na mídia...mostraram que as pesquisas realizadas obtiveram percentuais expressivos (35% a 50%) das pessoas sofrem de algum tipo de transtorno mental, dado este preocupante antes mesmo da pesquisa ser concluída...acredito que a ciência tentará revelar o que a grande maioria da população global vem demonstrando em seus comportamentos e atitudes... crescimento este desordenado influenciado pela tecnologia e automação de muitos processos educativos de aprendizagem, e sem critérios relevantes de sustentabilidade emocional do ser humano...proporcionando a população uma espécie de dependência tecnológica, tornando/ e ou limitando a aprendizagem natural do ser humano. Isso demonstra que cada vez mais pessoas ditas “normais” podem estar com algum tipo de doença mental convivendo em nosso meio social sem mesmo que saibamos.

Há muito pouco tempo, eram comentados assuntos irrelevantes em nossos lares e organizações sobre os indivíduos nascidos com algum tipo de limitação, aparentemente visível aos olhos (seres humanos) deixava- nos resplandecer em nossas atitudes o medo de saber como lidar com os ditos “anormais”. As famílias enfrentavam sentimentos inconscientemente, como vergonha, negação da deficiência/ e ou superproteção. Acabando até mesmo segregando-os em alguma instituição, hoje com as novas pesquisas sobre neurociência conseguimos ter uma nova visão sobre a deficiência onde sua inclusão, inserção ou acessibilidade na sociedade passa a ser vista como desafio e superação. Tanto é que existem políticas públicas onde as leis protegem pessoas com deficiências (Físicas e Mentais) oportunizando-as contribuírem ativamente em nossa sociedade.

Destacando neste caso onde as cotas nas empresas com mais de cem (100) colaboradores deverá ter no mínimo 2% de vagas preenchidas com pessoas com algum tipo de deficiência sejam elas físicas ou mentais devem estar participando no quadro de funcionários. Assunto tanto polêmico que já gerou muitas discussões, mas que garante a sua empregabilidade desde ano 1991 sob a lei de nº. 8.213 Art.93 (Plano de Previdência e Assistência Social).

Percebe-se então que inicia-se uma nova época abrindo espaço à ruptura de velhas crenças, hábitos, costumes e padrões. Quando o assunto for “deficiência”, fica claro que a sua segregação torna-se uma forma arcaica de tratamento. Acordando com estas colocações da passagem do livro do autor Dr. Augusto

Cury, médico psiquiatra em seu livro “O Vendedor de Sonhos” (diz que...a humanidade caminha pelas avenidas de um gigantesco manicômio global, mas este manicômio não eram lugar frio, freáticos, escuro como os hospitais psiquiátricos do passado, e sim um ambiente agradável, colorido, iluminado...).

A partir dos resultados finais desta pesquisa poderemos constatar a realidade da saúde mental dos Brasileiros.... Procurando o tratamento adequado destas deficiências (Físicas e Mentais) com especialistas nas áreas (Pedagogia, Psicopedagoga, Psicologia, Psiquiatria, Fonoaudiologia e fisioterapia), assim massificar o ditado popular com cunho científico, de que o “Diferente” sempre irão se atrair e os “Iguais” nunca, pois não há pessoas iguais na humanidade e nem haverá 100% pessoas diferentes no sentimento e nas emoções... mas sim diferentes umas das outras com suas limitações ou capacidades, que podem estar convivendo em nossa sociedade mesmo com suas deficiências ou eficiências umas visíveis e outras ainda ocultas ao olho do ser humano.



Ana Cristina Ferreira Côrtes

Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia e Educação Especial com ênfase em Deficiência Mental.

Sócio-Coordenadora da Clínica de Educação Pedagógica Eduke Agora em Caxias do Sul/RS.

www.edukeagora.com.br

LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)

Gagueira pode prejudicar busca por emprego ou causar problemas em ambiente de trabalho



Cerca de 1,9 milhão de brasileiros sofrem de disfluência, distúrbio da fala popularmente conhecido como gagueira e que é comumente associado ao nervosismo ou à ansiedade. Na verdade, segundo especialistas, a gagueira tem origem neurológica e não deveria ser tratada de forma pejorativa ou ser motivo de gozação, como acontece na maioria das vezes. Isto pode desencadear uma série de conflitos sociais e emocionais na pessoa que gagueja.

“O indivíduo que gagueja enfrenta uma grande dificuldade de se comunicar com as demais pessoas. Muitas vezes, ele acaba se excluindo socialmente, por virar alvo de brincadeiras entre os colegas, principalmente no local de trabalho. Isso pode acarretar outros problemas de ordem psicológica”, explica Érica Ferraz, fonoaudióloga do Grupo Microsom,

empresa que atua no ramo de soluções auditivas e oferece um produto para tratamento da gagueira, o SpeechEasy.

Segundo a profissional de fonoaudiologia, a pessoa que gagueja muitas vezes acaba sendo prejudicada em uma entrevista para um emprego ou não é levada a sério no ambiente corporativo. No entanto, o fato de o indivíduo ser gago não tem qualquer influência sobre a sua capacidade intelectual ou seu desempenho profissional.

Os responsáveis pela área de Recursos Humanos nas empresas podem detectar um colaborador com disfluência e que enfrente dificuldades no ambiente de trabalho, mas nem sempre estão preparados para lidar com este problema. Quando a gagueira for detectada, o funcionário deve ser orientado a procurar um profissional especializado, no caso, o fonoaudiólogo. Ele fará uma análise completa para avaliar o grau de gagueira do indivíduo e qual o melhor tratamento em cada caso.

MITOS DA GAGUEIRA REFLETEM DESINFORMAÇÃO SOBRE O PROBLEMA

A fonoaudióloga responde algumas dúvidas comuns sobre o tema, ensina a conviver com os portadores de disfluência e apresenta formas de amenizar este problema.

- A gagueira é contagiosa ou pode-se ficar gago ao conviver com uma pessoa que têm este distúrbio da fala?

Não, a gagueira não é contagiosa e não “pega”. Portanto, não é transmitida pelo convívio com pessoas que gaguejam. Ninguém deve ter receio de conversar ou interagir com pessoas que gaguejam.

Os estudos científicos mostram que a gagueira tem um caráter genético. Desta forma, nos casos de herança genética, pessoas da mesma família, de diferentes

gerações, podem manifestar gagueira.

- A disfluência tem cura? Quais são os tipos de tratamento?

Por enquanto, não há cura para a gagueira, no sentido de eliminar o caráter genético e/ou orgânico envolvido. O que existem são diferentes linhas de tratamento para a promoção da fluência, de forma a reduzir os sintomas, que são repetições, prolongamentos, pausas, bloqueios e outros problemas ao falar. Por ser um distúrbio de fala, o tratamento mais adequado para a gagueira é o fonoaudiológico.

Atualmente, a tecnologia é uma grande aliada no tratamento de algumas pessoas que gaguejam. Alguns aparelhos têm mostrado excelentes resultados na promoção de fluência da fala.

No Brasil, o SpeechEasy está sendo comercializado desde 2008. Ele age no cérebro desencadeando o efeito coro, um fenômeno natural que reduz a gagueira. É uma opção de tratamento importante, uma vez que pode ser de grande auxílio em situações agravantes para aqueles que gaguejam, como reuniões e apresentações em público. O SpeechEasy já é comercializado em diversos países do mundo e os resultados positivos estão sendo relatados por meio



Érica Ferraz, fonoaudióloga do Grupo Microsom

ACESSE NOSSO SITE:

www.revistareacao.com

de diversos estudos. Aqui, no Brasil, algumas pesquisas já estão sendo realizadas com este recurso e deverão ter seus resultados divulgados em breve.

O SpeechEasy é um tratamento possível, que une tecnologia avançada e conforto para a pessoa que gagueja, mas deve ser utilizado em combinação com tratamento fonoaudiológico especializado para que seu benefício seja otimizado.

- O aparelho usado para a gagueira é inserido na garganta ou na orelha?

O SpeechEasy é um dispositivo portátil, usado na orelha e confeccionado de forma personalizada para cada usuário. O objetivo dele é reproduzir o efeito coro, por isso é utilizado no orelha.

- O que é o efeito coro?

O efeito coro é um fenômeno natural e tema de muitas pesquisas há décadas. Ele ocorre quando uma pessoa que gagueja fala ou lê ao mesmo tempo em que outra pessoa, reduzindo a gagueira. O SpeechEasy, por fazer a voz do usuário alcançar o cérebro com um ligeiro atraso e com um tom diferente, fornece a sensação da pessoa estar falando ao mesmo tempo em que outro indivíduo, desencadeando o efeito coro, que reduz a gagueira.

- Como uma pessoa normal deve lidar com um gago?

As pessoas devem encorajar a pessoa que gagueja a falar, dando atenção e demonstrando interesse em conversar com ela. Não se deve pedir para a pessoa ter calma, pensar, respirar e falar devagar. Além disso, deve-se esperar que a pessoa que gagueja termine de falar, sem completar a fala dela, o que muitas vezes acontece de forma equivocada.

- A partir de que idade pode se detectar/diagnosticar o distúrbio?

A fala se desenvolve principalmente nos três primeiros anos de vida. Entre os 2 e os 6 anos, é comum que a criança apresente dificuldade em falar algumas palavras ou alguns sons mais difíceis. Neste período de aquisição de linguagem, a criança pode gaguejar, por estar em plena fase de aprendizagem da língua e por ainda não ter certeza de como pronunciar determinados sons. Nesses casos, pode haver a remissão espontânea da gagueira, quando o processo de aprendizagem se completa. Porém, a gagueira pode evoluir e se manifestar de diversas formas e intensidades entre as pessoas e em diferentes períodos da vida de uma mesma pessoa. A gagueira costuma oscilar entre períodos de maior ou menor fluência. Caso a gagueira comece a ficar mais freqüente, recomenda-se avaliação e tratamento ou acompanhamento fonoaudiológico. Quanto mais cedo o tratamento for iniciado, melhores poderão ser os benefícios da terapia.

- Quais são os problemas que os gagos enfrentam no dia-a-dia?

A gagueira é um distúrbio de fala que é facilmente notado. Como estamos em uma sociedade em que a fala fluente é importante e comumente associada à inteligência, competência e domínio em relação a um determinado assunto, uma pessoa disfluente pode ser vista como ansiosa, incompetente e até mesmo com problemas emocionais. Aliás, a maior parte das pessoas acredita

que a origem da gagueira é apenas emocional, sendo que, na verdade, é uma associação de fatores genéticos, sociais e psicológicos.

A pessoa que gagueja muitas vezes é prejudicada em uma entrevista para um emprego, por exemplo. Falar ao telefone é outra situação em que o indivíduo que gagueja encontra, geralmente, grandes dificuldades. Esses problemas, associados às crenças equivocadas sobre a origem da gagueira e o preconceito contra as pessoas que gaguejam, podem provocar isolamento e outros problemas sociais a esses indivíduos.

É comum as pessoas não terem paciência para escutar o que a pessoa que gagueja tem a dizer, interferindo na sua fala ou até mesmo completando o que acredita-se que o disfluente iria falar. Muitas pessoas que gaguejam relatam histórias em que aceitaram alguma coisa que não desejavam apenas para não estenderem a situação desconfortável. Por exemplo, podemos citar um paciente no restaurante que, ao tentar pedir um prato de sua preferência, viu-se diante de uma situação em que sua dificuldade de fala gerou impaciência nas pessoas da mesa e no garçom que anotava o pedido. Ele acabou apenas dizendo “o mesmo”, referindo-se ao pedido de outra pessoa, que nada tinha a ver com o que ele realmente desejava jantar e terminou a noite insatisfeito.

Grande parte das pessoas que gaguejam se queixa, portanto, de ter sua disfluência associada a aspectos de sua capacidade intelectual e profissional. Algumas delas referem a não conseguir acompanhar o curso de faculdade, arrumar um trabalho ou até mesmo namorar em consequência da sua disfluência. Por esses motivos, a pessoa que gagueja muitas vezes pode apresentar baixa auto-estima e grande sofrimento interno.

Em se tratando de um distúrbio que não afeta a inteligência nem outras habilidades do indivíduo, a gagueira não deve impedir que a pessoa que gagueja trabalhe, estude e seja bem sucedida profissional e pessoalmente.

Por outro lado, algumas pessoas que gaguejam encaram a sua disfluência de outra forma e acabam por “usá-la” a seu favor no seu grupo de amigos ou com a família, tornando-se o centro das atenções, por meio de brincadeiras e piadas. A forma como a gagueira interfere na vida social do indivíduo depende muito de como é a personalidade do mesmo e de sua relação com as pessoas.

De acordo com o IBGE, a população brasileira é de 192 milhões de pessoas. Segundo o Instituto Brasileiro de Fluência (IBF), a incidência da gagueira no Brasil é de 5%, ou seja, 9,5 milhões de brasileiros estão passando por um período de gagueira neste momento. Este número é maior do que a população da cidade do Rio de Janeiro/RJ. A prevalência da gagueira é de 1%, ou seja, 1,9 milhão de brasileiros gaguejam há muitos anos de forma persistente, crônica. Este número é maior do que a população de Manaus/AM ou Curitiba/PR.

LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)

Adefav promove 5 cursos de capacitação em deficiências múltiplas

Os cursos são destinados a profissionais que trabalham com crianças com deficiência múltipla e surdocegueira

A Associação para Deficientes da Áudio Visão – Adefav, realiza no primeiro semestre de 2010, cinco cursos voltados à formação e informação de profissionais que trabalham com a criança com deficiência múltipla. Os cursos acontecem de março a junho na sede da entidade, especializada no atendimento educacional e terapêutico, consultoria e cursos na área de surdocegueira e deficiência múltipla, situada no bairro do Ipiranga, em São Paulo/SP.

Os cursos têm como objetivo dar ferramentas e instrumentos de intervenção para profissionais da área de saúde e educação, unindo terapia com a pedagogia. Propõem tratar de temas ligados às condições sócio-educacionais para melhorar a vida do deficiente múltiplo, com abordagens sobre comunicação e linguagem, orientação, mobilidade e avaliação funcional da visão e cognitiva.

Podem se inscrever profissionais e estudantes das áreas da saúde e educação, como terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, educadores físicos, assistentes sociais e pedagogos.

Desde 1998 cerca de 2.100 profissionais passaram pelos cursos de especialização promovidos pela Adefav e sua equipe colaborativa. A instituição do Terceiro Setor conta com o apoio técnico da Perkins School for the Blind (EUA) na área de capacitação, atuando como multiplicadora de conhecimento em toda a América Latina.

O material didático, disponibilizado em CD, também pode ser adaptado ao braile para pessoas cegas e com deficiência visual.

Os cursos têm descontos especiais para estudantes e grupos. Para mais informações acesse www.adefav.org.br ou fale com Renata Momesso, pelo telefone (11) 3571-9511.

Calendário

27/03 – Comunicação alternativa básico

24/04 – Avaliação Funcional da Visão

15/05 – Adequação Postural em Cadeira de Rodas (Básico)

29/05 – Comunicação Suplementar e alternativa II- Prática e teoria

19/06 – Avaliações Cognitivas

Informações e inscrições:

Local: Adefav

Endereço: R. Clemente Pereira 286 – Ipiranga

Tel.: 3571-9511

e. mail: cursos@adefav.org.br

SOBRE A ADEFAV

A ADEFAV - Centro de Recursos para a Inclusão na Família, Escola e Sociedade é uma organização filantrópica reconhecida no terceiro setor pelo trabalho que desenvolve em prol da inclusão na família, escola e sociedade de crianças, jovens e adultos com surdocegueira e deficiência múltipla. Fundada em 1983 e situada em São Paulo (SP), a ADEFAV também é reconhecida pelas consultorias e cursos de capacitação na área de surdocegueira e deficiência múltipla para profissionais e comunidades brasileiras e latino-americanas, com o apoio técnico do Programa Hilton/Perkins para a América Latina, da Perkins School for the Blind (EUA).

ACESSE NOSSO SITE:

www.revistareacao.com

Você sabe como agir com um cão guia?

OI! Sou um cão-guia e quero lhe ensinar como deve agir quando me encontrar acompanhando meu dono cego.

Antes de mais nada, saiba que sou um cão de trabalho, e não um bichinho de estimação. Quanto mais me ignorar, melhor será para o meu dono e para mim.

Meu comportamento e trato são totalmente diferentes dos outros cães e devo ser respeitado em minha dupla função de guia e fiel companheiro do meu dono.

Por favor, não me toque nem me acaricie quando me encontrar trabalhando, ou seja, quando eu estiver usando a guia. Se fizer isso, posso me distrair e eu jamais devo falhar.

Então é melhor me ignorar. Mas não tenha medo! Os cães-guia são treinados e nunca seriam capazes de fazer mal, sem motivo.

Atenção! Se estiver acompanhado de um cão, por favor controle-o para evitar que cause algum acidente quando passar ao meu lado, e do meu dono.

Por favor, não me ofereça alimentos. Meu dono já se encarrega disso com esmero. Estou bem alimentado,tenho horário certo para comer.

Quando se dirigir a uma pessoa cega, acompanhada de um cão-guia como eu, fale diretamente com ela, e não comigo.

Se um cego com cão-guia lhe pedir ajuda, aproxime-se pelo lado direito, de maneira que eu fique à esquerda.

Meu dono então me ordenará que siga você, ou lhe pedirá que lhe ofereça seu cotovelo esquerdo. Neste caso, usará uma senha para me indicar que estou temporariamente fora de serviço.

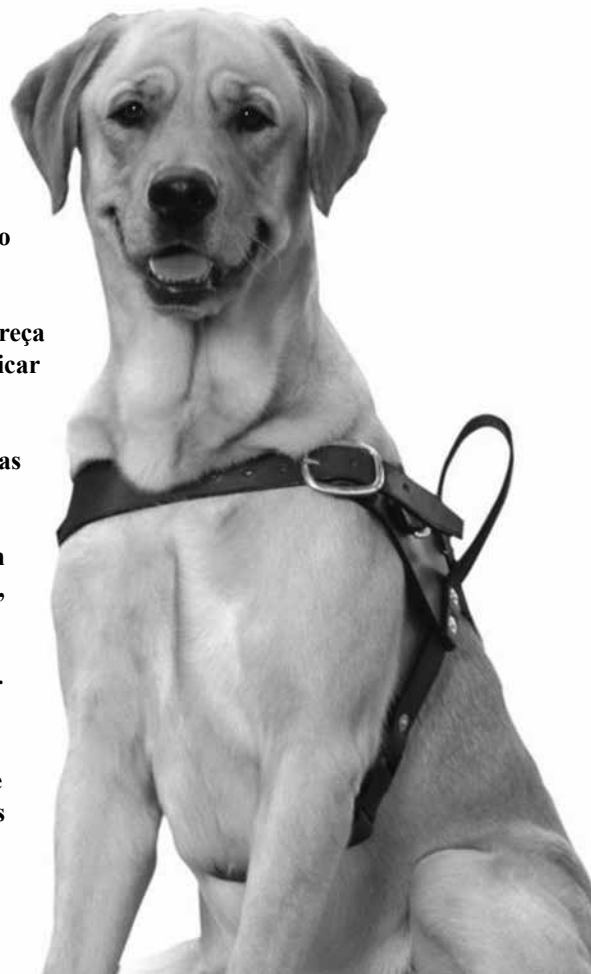
Se um cego com cão-guia lhe pedir informações, dê indicações claras do sentido em que deve dobrar ou seguir para chegar ao local.

Não se antecipe nem pegue o braço de um cego acompanhado de um cão-guia, sem antes conversar. Muito menos toque na minha guia, pois a mesma é só para uso do cego que acompanho.

Os cães-guia têm lugares e horários pré-determinados para fazer suas necessidades.

Eu, como cão-guia estou habituado a viajarem todos os meios de transporte, acomodado aos pés do meu dono, sem atrapalhar os passageiros, tanto dentro como fora do país.

Vai me ajudar a divulgar o que lhe disse?



LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE SÍNDROME DE DOWN – 20 e 21/03/2010

A Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência e o CEPEC-SP Centro de Estudos e Pesquisas Clínicas de São Paulo realizam nos dias 20 e 21 de março de 2010, Dia Internacional da Síndrome de Down, no complexo do Memorial da América Latina (Av. Auro Soares de Moura Andrade, 564, portão 10, antigo bloco Parlatino, Barra Funda, São Paulo/SP, Brasil):

“SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE
SÍNDROME DE DOWN” 20 e 21/03/2010

Temas:

- Avanços da Neurociência
- Tratamentos Medicamentosos

Palestrantes convidados:

Prof. Dr. Alberto Costa

Médico – Pesquisador - Neurocientista – Colorado/EUA

Prof. Dr. Stevens Kastrup Rehen

Biomédico - Neurocientista UFRJ - Pesquisador da Universidade da Califórnia em San Diego (2003) e do Instituto de Pesquisa Scripps dos Estados Unidos (2005)

Coordenação Científica:

Prof. Dr. Zan Mustacchi

Médico Geneticista - Pediatra

PROGRAMAÇÃO

20/03/2010 – sábado

19h às 21h – Abertura Oficial seguida de Coquetel

21/03/2010 – domingo

7h30 às 8h30 – Credenciamento e entrega de material

8h30 – Introdução: “O Surgimento de Promissoras Perspectivas Terapêuticas para a Síndrome de Down: Resiliência, Empoderamento*, Farmacogenômica e Nutrigenômica”.

Palestrante: Prof. Dr. Zan Mustacchi

*processo pelo qual a própria pessoa escolhe ou toma decisões e assume as consequências

9h às 10h15

Conferência (Exposição científica oral realizada por especialistas abordando um tema específico. Não há tempo para perguntas da platéia). Tema: “Síndrome de Down: Neurociência e Avaliação das Aneuploidias** no Sistema Nervoso Central”

Conferencista: Prof. Dr. Stevens Kastrup Rehen

Presidente: Prof. Dr. José Hugo de Lins Pessoa (Presidente da Sociedade de Pediatria de São Paulo)

**alterações cromossômicas

10h15 às 10h45 - Coffee break

10h45 às 12h

Conferência (Exposição científica oral realizada por especialistas abordando um tema específico. Não há tempo para perguntas da platéia). Tema: “O Alvorecer da Pesquisa Translacional*** e Potenciais de Abordagens Terapêuticas para a Síndrome de Down”

Conferencista: Prof. Dr. Alberto Costa

Presidente: Prof. Dr. Clóvis Francisco Constantino (Presidente do Departamento de Bioética da Sociedade Brasileira de Pediatria; Vice-Corregedor do CREMESP)

*** aproximação da ciência básica da aplicação clínica

12h às 13h

Colóquio (perguntas dos profissionais da platéia) com participação dos palestrantes Prof. Dr. Alberto Costa e Prof. Dr. Stevens Kastrup Rehen

Técnica de reunião com objetivos práticos onde a platéia tem a oportunidade de participar ativamente dos debates tirando suas dúvidas e obtendo esclarecimentos diversos.

Coordenador: Prof. Dr. Zan Mustacchi

REALIZAÇÃO:

Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência.
Centro de Estudos e Pesquisas Clínicas de São Paulo – CEPEC-SP.

APOIO:

Sociedade de Pediatria de São Paulo (SPSP)

Universidade Mogi das Cruzes (UMC)

Núcleo Aprendendo Down – Itabuna/BA

Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down (FBASD)

Instituto Meta Social

Associação das Voluntárias do Hospital Infantil Darcy Vargas (HIDV) Grupo de Síndrome de Down

APAE de São Paulo

Hospital Infantil Darcy Vargas (HIDV)

Carpe Diem e grupo De Lá pra Cá

ADID e grupo Vamos Juntos

Associação Mais Um

Grupos de Discussão: Happy Down - Síndrome de Down - Inclusão

PATROCÍNIO:

Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência

L'ALIANXA Travel NetWork Brasil

BOIRON®

Núcleo Aprendendo Down – Itabuna/BA

CEPEC-SP

Agência de Turismo do Simpósio:

L'alianXa Travel Network Brasil – (55) (11) 2147-0101 – Fax: 2147-0111- www.ltn.travel

A área de atuação dos participantes/ouvintes:

Todas as profissões e interessados em aprimorar seus conhecimentos na área de recentes pesquisas científicas em síndrome de Down.

ACESSE NOSSO SITE:

www.revistareacao.com

FICHA DE INSCRIÇÃO

"SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE SÍNDROME DE DOWN"

20 e 21/03/2010

Solicitamos o preenchimento em letra de forma

NOME:			
SEXO:	<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> Masculino	RG:
NOME PARA CRACHÁ:			
PROFISSÃO:			
ENDREÇO:			
BAIRRO:	CIDADE:		
ESTADO:	CEP:		
E-MAIL:			
CELULAR:	FONE:		

INSTITUIÇÃO EM QUE TRABALHA:

VENHO COM PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN:	<input type="checkbox"/> SIM - QUALIS	<input type="checkbox"/> NÃO
O PARENTE É PACIENTE DO DEFEITO?	<input type="checkbox"/> SIM - PACIENTE	<input type="checkbox"/> NÃO

INVESTIMENTO até 15/03/2010

INTERESSADOS E PROFISSIONAIS.....R\$ 70,00

MÃE OU PAI DE PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN - ESTUDANTES - SÓCIOS DA SPSP (COM COMPROVAÇÃO).....R\$ 50,00

NO DIA DO EVENTO (SE HOUVER VAGA)

INTERESSADOS E PROFISSIONAIS.....R\$ 100,00

MÃE OU PAI DE PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN - ESTUDANTES - SÓCIOS DA SPSP (COM COMPROVAÇÃO).....R\$ 80,00

FORMA DE PAGAMENTO

DEPÓSITO BANCÁRIO **OBRIGATORIAMENTE IDENTIFICADO** (NOME DO INSCRITO):

BRADTS00 (257) - AGÊNCIA: 2199-7 - CONTA: 10418-3 - NOME: OTTO SP - CNPJ: 55.594.782/0001-26.

APÓS EFETUAR O DEPÓSITO ENVIAR O COMPROVANTE COM ESTA FICHA DE INSCRIÇÃO PREENCHIDA POR FAX (11) 3721-9175 OU POR E-MAIL PARA simposiointernacional@sindromededown.com.br (PRAZO MÁXIMO PARA ENVIO DO COMPROVANTE 16/03)

•PARA O DESCONTO:

✓Pai ou mãe de pessoa com Síndrome de Down;

✓Estudantes: enviar cópia do crachá no curso ou carteira de estudante;

✓Sócios da SPSP: enviar cópia do currículo de sócio.

• **SOMENTE SERÃO CONSIDERADOS INSCRITOS AQUELES QUE ENVIAM ESTA FICHA PREENCHIDA ACOMPANHADA DO COMPROVANTE DE DEPÓSITO (ONDE DEVE ESTAR ESCRITO O NOME DA PESSOA DE PRÓPRIO PLANO), A IDENTIFICAÇÃO NO DEPÓSITO DEVE SER OBRIGATORIA MENOS EM NOME DO INSCRITO E NÃO DE TERCEIROS.**

• O COMPROVANTE DE DEPÓSITO DEVE SER APRESENTADO NO ATO DE CREDENCIAMENTO PARA A RETIRADA DO CRACHÁ E MATERIAL NO DIA DO EVENTO; SEM O COMPROVANTE DE DEPÓSITO A ENTRADA NÃO SERÁ POSSÍVEL.

OBS: não serão aceitas pedidos de devolução.

INFORMAÇÕES: (55) (11) 3721-6233 (2ª a 6ª-feira das 9h às 17h) – Fax: 3721-9175

simposioInternacional@sindromededown.com.br

www.sindromededown.com.br

LEIA E ASSINE:

0800-772-6612 (ligação gratuita)

REVISTA NACIONAL DE REABILITAÇÃO

REAÇÃO

INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE DE PESSOAS COM DEPENDÊNCIA,
MUNICÍPIO REEDUCAR, FAMILIARES E PROFISSIONAIS DO SETOR



Assinatura: 0800-772-6612
www.revistareacao.com

SUPER PROMOÇÃO REATECH

COMECE O ANO
COM MAIS CONTEÚDO!!!

FAÇA SUA ASSINATURA BI-ANUAL DA REVISTA
REAÇÃO (12 EDIÇÕES) E GANHE UMA LINDA
"AGENDA DO PORTADOR DE EFICIÊNCIA".



2010



A ÚNICA COM CADERNO
TÉCNICO E CIENTÍFICO



2 anos de assinatura
para você

Agenda do Portador
de Eficiência 2010

por apenas **R\$ 150,00*** ou 3x de **R\$ 50,00***

* O brinde será entregue após a confirmação do pagamento.

Formas de pagamento: cheque, boleto ou cartão.

Oferta válida até 31/12/2009 ou enquanto durar o estoque.

VisaNet agora é **cielo**
Brasil

LIGUE GRÁTIS: 0800-772-6612

OU SE PREFERIR ACESSE NOSSO SITE WWW.REVISTAREACAO.COM